

CONEXÃO SAFRA

ANO 11 | EDIÇÃO 54
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA MARÇO 2023



ESPECIAL MULHERES NO AGRO
É força, foco e fé que fala

**"Empreender
é mais do que
encontrar uma
oportunidade.
É se encontrar."**

Flávia Soares
CEO Casa das Kapulanas

**N O S S A S
I D E I A S
T Ê M
F O R Ç A .**

O futuro é delas. Venha se preparar para ele e para mudar sua vida, seus negócios e todo o mercado com o apoio de mulheres inspiradoras do empreendedorismo.

O Sebrae Delas tem tudo para você.





PROVOQUE A MUDANÇA



atendimento 24h

0800 570 0800



es.sebrae.com.br



sebrae.es



sebraees



CURSOS * EVENTOS * CONTEÚDO * CONEXÃO



08

**AGORA É QUE SÃO ELAS:
MULHERES CONQUISTAM
ESPAÇO EM ÁREAS
TRADICIONALMENTE
MASCULINAS**

06 EDITORIAL

10 CAFEICULTURA TAMBÉM
É COISA DE MULHER

12 UMA MÃO NA MASSA
E OUTRA NA CANETA

16

**DETE LORENÇÃO:
INSPIRAÇÃO FEMININA
NA CAPITAL NACIONAL
DO AGROTURISMO**



18 CRESCIMENTO
E PROTAGONISMO
NO SETOR

20 ZAIRA DE ANDRADE PAIVA:
A MULHER POR TRÁS
DA ORGANIZAÇÃO DE
EVENTOS AGRO NO ES



22 MULHERES
ASSUMEM A
SUCESSÃO FAMILIAR
NO CAMPO

25 MULHERES NO AGRO:
UNIDAS PARA CONQUISTAR
E TRANSFORMAR

27 AS JOVENS RURAIS
QUE COMBATEM
A DESINFORMAÇÃO SOBRE
O AGRO NAS REDES

30 ARTESÃ SUPERA
PRECONCEITO E TRANSFORMA
MATERIA-PRIMA LOCAL
EM OBRAS DE ARTE
RECONHECIDAS

31

**APESAR DOS
AVANÇOS,
PRECONCEITO
E MACHISMO
AINDA PERSISTEM**

32

**PRÊMIO SEBRAE MULHER
DE NEGÓCIOS**

33

**VISIBILIDADE E
OPORTUNIDADE PARA
MULHERES DO CAMPO**

34

**A LUTA PELA
EQUIDADE DE
GÊNERO NO CAMPO**



36 PROGRAMA MULHER DO
CREA-ES PROMOVE
EVENTO ESPECIAL PARA
PROFISSIONAIS

37

**GOVERNO DO ES
ENCAMINHA REDUÇÃO
DO ICMS DO
CAFÉ CONILON**

38

**SAIBA COMO
AUMENTAR O LUCRO
COM VENDA DE
CAFÉ TORRADO
EM ATÉ 300%**

39

**CONEXAOSAFRA.COM
ENTRA EM NOVA
FASE DIGITAL**

40

**SAFRA
EM FOCO**




Transformando Vidas por meio do Conhecimento

O Serviço Nacional de Aprendizagem Rural desenvolve a população do campo com a oferta de treinamentos, capacitações e programas de promoção social, e com um modelo inovador de Assistência Técnica e Gerencial.

- ✓ 16.500 pessoas impactadas por ano em mais de 1.100 treinamentos
- ✓ 8 programas especiais de promoção de saúde e ação social

SENAR, O S DA ÁREA RURAL E A MAIOR ESCOLA DA TERRA.

WWW.SENAR-ES.ORG.BR

 @faessenares
 @senarespiritosanto
 Sistema Faes Senar-ES



**FAES
SENAR
SINDICATOS**



ESTA EDIÇÃO DA CONEXÃO SAFRA É UMA DAQUELAS PARA GUARDAR NA MEMÓRIA E NO CORAÇÃO

_Kátia Quevedez

Conhecer histórias de algumas destas mulheres incríveis que foram ouvidas nesta edição especial é mais que inspiração. É realmente um privilégio.

Neste tempo confuso, em meio a tanta desinformação e conversas atravessadas, “beber na fonte” desses relatos nos dá força, e uma esperança que alegra o coração e a alma. Cada uma com sua experiência contribuiu para que montássemos um mosaico com participações riquíssimas. E posso falar com o coração cheio de amor: vamos continuar dando voz a essas mulheres (essas sim, lindíssimas e maravilhosas) e nesse abastecer de tanta positividade.

Também passei por alguns perrengues no jornalismo agro. Em alguns momentos não era ouvida. Em outros era invisível mesmo. Dói sim, dói muito. Mas a gente vai, simplesmente vai. Com medo mesmo, e vai. E a gente ganha o mundo, conquista respeito, credibilidade. Quem é mulher sabe que é assim que funciona. A gente tem que fazer e bem feito. E melhor.

Queridos meninos, somos parceria. Somos soma. Multiplicação. Esqueçam a divisão ou a subtração. ESTAMOS TODOS JUNTOS NESTA JORNADA. E juntos, tudo fica mais leve. Simples assim.

Senti falta da mulherada preta, parda, indígena e quilombola nesta edição. Vamos atrás de vocês agora, suas maravilhosas!

Meu mega obrigada à jornalista e querida amiga Rosi Ronchetti, que topou o desafio e vai continuar nos brindando com mais trajetórias das nossas meninas no agro capixaba.

Ah, em tempo...

Em maio de 2021, Rosi Ronchetti e Leandro Fidelis produziram para a Conexão Safra a reportagem “A voz das invisíveis: a história de mulheres que, com informação e microcrédito, saíram da linha de extrema pobreza e transformaram a própria realidade no meio rural”. É outro conteúdo de mulheres do agro que fizeram muito com um início desafiador. É só acessar <https://conexaosafra.com/mulheres-no-agro/a-voz-das-invisiveis/> e aproveitar outro material que transborda superação, garra e conquistas.

Boa leitura e um abraço cheio de carinho.

Até a próxima!



_Rosimeri Ronchetti

Como jornalista, escrever sobre o agro é algo apaixonante, afinal, este assunto remete à minha própria história. E falar sobre mulheres do agro é sempre um prazer e uma satisfação muito grande. Conversando com tantas mulheres, para esta especial, de tantos municípios diferentes, cada uma delas com suas histórias tão singulares, não foi difícil perceber a força de vontade e o amor de cada uma delas pelo que fazem. Ficou claro também, que nada, nem ninguém, vai parar este movimento crescente de mulheres no agronegócio. Elas chegaram e vieram para ficar. Não para pegar o espaço dos homens, mas para somar, e convenhamos, competência elas têm.

_Kátia Quevedez

Jornalista Responsável
Editora
28 99976 1113
MTb 18569 RJ

_Luan Ola

Projeto Gráfico / Diagramação

_Fernanda Zandonadi

_Leandro Fidelis

_Rosimeri Ronchetti

Colaboradores da edição

_Circulação

Nacional

_Edição 54

MARÇO 2023

_Assessoria Jurídica

Bastos e Marques Advocacia

A revista **Conexão Safra**

é uma publicação da
CONTEXTO CONSULTORIA
E PROJETOS EIRELI-ME
CNPJ: 06.351.932/0001-65

**_Endereço para
correspondência**

REVISTA CONEXÃO SAFRA
RUA RIO GRANDE DO SUL, 254
PAVIMENTO 2 - CENTRO
GUAÇUÍ - ES
CEP: 29.560-000

_Anuncie

Comercial
28 99976 1113
comercial@conexaosafra.com
Instagram: @conexaosafra

_Sugestão de conteúdo

jornalismo@conexaosafra.com

CONEXÃO
SAFRA



Fruto do trabalho de 19 mil famílias



Somos a Nater, uma cooperativa formada por mais de 19 mil famílias. Cada uma delas responsável por produzir alimentos de qualidade que chegam diariamente à milhares de lares com uma ampla variedade de produtos.





MULHERES NO AGRONEGÓCIO

***Agora é que são elas:
mulheres conquistam
espaço em áreas
tradicionalmente masculinas***



— Há dois anos, desde que o pai faleceu, Andressa Silva de Ataíde assumiu o comando do sítio da família

_ROSIMERI RONQUETTI
_jornalismo@conexaosafra.com

Se no passado elas eram coadjuvantes, ao lado dos pais, irmãos e maridos na lida diária no campo, na atualidade, histórias singulares de mulheres em todas as áreas do agronegócio mostram o potencial do avanço feminino no setor. Caprichosas, dedicadas e sem perder de vista os cuidados com a família, elas estão cada vez mais presentes nas decisões e no comando dessa que sempre foi uma área majoritariamente masculina.

Segundo dados coletados no terceiro trimestre de 2022 pela Pesquisa Nacional

por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD-C), feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no Espírito Santo são 30.625 empreendedoras atuando no agronegócio. Um aumento de quase 33% em comparação ao mesmo período de 2021, quando a pesquisa indicou 23.035 empreendedoras nesse ramo.

Aos 23 anos, Andressa Silva de Ataíde, de Jaguaré, é um exemplo dessa nova realidade. Contrariando as expectativas do pai, para quem roça não é para mulheres, ela resolveu estudar agronomia e passou a frequentar a propriedade todos os dias. “Eu trabalhava no comércio e fui observan-

do a rotina do meu pai. Dentro de mim vinha esse desejo de continuar o que a família já fazia, mas ele achava que eu não daria conta”, explica a futura agrônoma.

Poucos dias após a estreia na lavoura, o pai de Andressa morreu e há dois anos ela assumiu o comando do terreno da família com o apoio dos tios, da mãe e da irmã. “Nosso terreno é o que a nossa família tem hoje para trabalhar, é nosso, algo que vejo potencial futuro. Conversamos nós três e resolvemos tocar. Não tinha jeito, ou a gente tocava ou teria que vender tudo. O agro só tem a crescer. Jaguaré é agro, tem investimento, mão de obra”.

Ao mesmo tempo que cuida dos 4,5 alqueires do sítio Repouso, no Córrego Caximbal, onde estão plantados 31.300 pés de café e mil de pimenta, Andressa segue fazendo a graduação. Tudo “tranquilo”, segundo ela, apesar da rotina acordar cedo e passar boa parte do dia na lavoura.

CAFEICULTURA TAMBÉM É COISA DE MULHER

Em 2017, pela primeira vez o Censo Agropecuário trouxe dados sobre gênero na cafeicultura. Realizado pelo IBGE, o levantamento mostrou que, dos 304,5 mil estabelecimentos agrícolas brasileiros com produção de café, cerca de 40 mil são dirigidos por mulheres, o que equivale a 13,2% do total.

**CAFEICULTORAS BRASILEIRAS
ENFRENTAM DESAFIOS E SUPERAM
EXPECTATIVAS NA PRODUÇÃO
DE CAFÉ DE QUALIDADE**

Andressa Buss (34), moradora do córrego Boa Esperança, distrito de Colatina, no Noroeste do Estado, faz parte dessa estatística. Acostumada desde criança com a lida na roça, ela conduz sozinha todo o trabalho na lavoura, começando pela desbrota, passando pela poda, limpeza do cafezal e colheita.

Separada há cerca de seis anos, no começo eram apenas 3.000 pés de conilon e agora já são 15 mil. Ela

conta que só contrata mão de obra para ajudar a colher o café, carregar o grão da roça e encher o secador.

Em 2022, a cafeicultora apostou na mão de obra feminina para colheita e diz não se arrepender. “Elas trabalham com mais cuidado, cuidam do pé de café, não entram quebrando tudo, pois têm um jeito mais delicado para trabalhar”, explica a produtora.

Outra coisa da qual não se arrepende é ter assumido

—Professora e funcionária pública municipal na área ambiental,
Leticia decidiu cuidar da propriedade da família e se dedica à produção de café especial



sozinha as responsabilidades, apesar de as pessoas a criticarem. “Quando olho para trás tenho muito orgulho de tudo que já consegui sozinha. Agora é só ir construindo devagar. Os investimentos maiores já fiz. Sinto orgulho da minha força. Tem hora que nem eu acredito ter tanta força. Têm pessoas que me

criticam, dizem que sou doída, mas me sinto bem e tenho orgulho de tudo o que faço. Graças a Deus, muito orgulho”.

Assim como Andressa, Letícia Dalmazo Melotti, (36), de São Domingos do Norte, também toca sozinha a lavoura de café. Diferentemente de Andressa, porque Letícia, apesar de sempre ter morado no

interior, nunca havia trabalhado no campo. Outra diferença é que enquanto a colatinense produz 100% commodity, a domingense resolveu apostar também no café de qualidade. Atualmente, cerca de 15% da produção dos 3.300 pés de conilon é de café especial.

Professora e funcionária pública municipal na área ambiental, em 2015 Letícia decidiu cuidar da propriedade da família, herança do avô. Sem nenhum conhecimento sobre produção de cafés especiais, recebeu orientações do programa de Assistência Técnica e Gerencial do Senar-ES (Ateg) sobre o manejo e, em 2018, visitou a Semana Internacional do Café (SIC)

“Lá eu tive um contato maior com o universo do café especial, inclusive do conilon especial, e já voltei decidida a fazer um lote pequeno para ver se dava certo. Em 2019, já fui para SIC levando uma amostra que, provada por um barista, foi bem avaliada. Há quase quatro anos produzo café especial e estou em processo do registro da marca”, conta Letícia.

No ano passado, técnicos do Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper) levaram uma amostra do café do Sítio Beija Flor para apreciação de degustadores na SIC. Em um estande só com amostras de conilon produzidos por mulheres, o café da capixaba chamou a atenção por sua maciez, doçura e equilíbrio. Compradores argentinos gostaram tanto que levaram uma amostra torrada do café para negociações futuras.

Desestimulada por pessoas inclusive da família, que diziam que Letícia não daria conta, e com poucos recursos para investir, começar não foi nada fácil. Hoje, ela se orgulha dos resultados que, aliás, superaram suas expectativas.

“Depois que efetivei minha vivência e apliquei técnicas sustentáveis e a buscar qualidade, me consolidei e me tornei diferencial na região. Inclusive recebendo a visitas de curiosos. Então, sim, me sinto orgulhosa. A ideia era saber lidar com a cafeicultura, e chegar a produzir café com bebida de qualidade superou minhas expectativas”, revela a cafeicultora.

A pesquisa do IBGE aponta ainda que, além das dirigentes, há também aquelas na condição de cônjuge em codireção, sendo 32.400 mulheres em estabelecimentos com café arábica e 15.700 mulheres em estabelecimentos com café canephora.



Andressa Buss (34), de Colatina, no Noroeste do Estado, cuida sozinha de 15 mil pés de café

UMA MÃO NA MASSA E OUTRA NA CANETA



„Mesmo com toda sua expertise e liderança, Lorenza Falchetto Venturim passou, e ainda passa, por situações de preconceito

SE NO CAMPO ELAS DÃO CONTA DO RECADO, À FRENTE DAS AGROINDÚSTRIAS ACONTECE O MESMO

Lorenza Falchetto Venturim (33), de Venda Nova do Imigrante, é um exemplo de mulher que vem se destacando no setor agroindustrial. Com sua expertise e liderança, ela comanda a Venturim Conservas desde 2014, gerenciando uma equipe de dez colaboradores diretos e indiretos. Sob sua direção, a empresa já processou até seis toneladas por mês, mostrando que o talento feminino também é indispensável no mundo dos negócios rurais.

Mas isso não significa blindagem total contra preconceito ao longo dessa trajetória. Muitas vezes foi preciso recorrer ao nome do pai para validar o que estava falando. “As pessoas vêm conversar comigo e perguntam com quem resolvem tal situação. E respondo que é comigo. ‘E para ver sobre essa questão?’ É comigo também! Por diversas vezes precisei dizer que sou filha do fulano, usar meu pai como referência, para transmitir segurança”, salienta.

[o] POLENTA FILMES (HEITOR DELPUPO)



O que começou para ser apenas uma agroindústria de palmito ganhou outros produtos e configurações. Com o passar dos anos, Lorenza criou um mix de produtos: pimenta biquinho, champignon, alcaparra, cebolinha, tomate seco, pickles mistos e mini pepino.

Se gerindo uma agroindústria as mulheres sofrem preconceito, o que dizer então de administrar uma cervejaria. Este é o desafio da Eliza Bottacine Dalvi (25) há cinco anos. Inaugurada em 2021, a cervejaria Aurora tem capacidade para produzir 2.750 litros mensais de cerveja. Eliza afirma que, no caso dela, o preconceito vai além do exercício da profissão.

“Muitas pessoas ainda estranham o fato de mulheres

estarem à frente de cervejarias. Sempre me perguntam quem é o homem por trás da Aurora. Ou seja, o preconceito não está apenas no exercício da profissão, mas também nos hábitos de consumo. No bar da cervejaria, ouço com frequência a frase ‘cerveja de mulher’ para se referirem a cervejas leves e de baixo amargor”.

Mas a *sommelier* não deixa por menos. A cerveja Imperial Stout envelhecida em barrica de carvalho (colaborativa com a Cachaça Santa Terezinha) ganhou medalha de ouro na Copa Capixaba de Cerveja Artesanal em 2022.

“A participação feminina no mercado cervejeiro tem aumentado nos últimos anos. Acredito que isto é a chave para, em algum momento, alcançarmos maior representatividade e relevância. Espero que, exer-



FOTOS BRUNA REINHOLZ



—A fábrica da Fabiani se tornou uma unidade demonstrativa para quem deseja conhecer o processo de produção do chocolate

cendo um bom trabalho, possamos de alguma forma incentivar e encorajar outras mulheres a seguirem a profissão”, comenta Eliza.

Depois de trabalhar em Vitória, a engenheira civil de formação e agora empreendedora do ramo da agroindústria, Fabiani Salomão Reinholz Macedo (32) voltou para a propriedade da família, no córrego São João Pequeno, interior de Colatina, quando o pai adoeceu.

Em busca de “algo diferente, para ter resultados diferentes”, ela viu nos poucos pés de cacau existentes a possibilidade de agregar valor. Vencido o desafio para convencer o pai, Fabiani foi estudar sobre o cultivo da fruta e para adequar a propriedade para produção de cacau especial. O passo seguinte foi começar a produzir chocolate. Nascia assim a Reinholz Chocolates.

Em 2022, Fabiani foi finalista do prêmio Sebrae Mulher de Negócios, na categoria produtora rural, após vencer as concorrentes de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro.

“Sempre pensei em empreender, mas nunca imaginei que seria na agroindústria. Mas foi aqui, e de uma forma inusitada, que vi a oportunidade que sempre quis. As dificuldades maiores foram em relação ao processo. Tive que começar tudo do zero,

estudar absolutamente tudo. Me considero uma vencedora. Os resultados vieram e continuam vindo cada dia mais, mesmo com todos os desafios. E receber o prêmio do Sebrae mostra que estamos no caminho certo”, declara.

Por meio do projeto Mulheres do Cacau e do Incaper, a fábrica da Fabiani se tornou uma unidade demonstrativa para quem deseja conhecer o processo de produção, desde a lavoura de cacau até a fabricação do chocolate.

Com o crescimento da marca, os 2.400 pés de cacau da propriedade já não suprem mais a demanda da produção de chocolate e Fabiani compra cacau especial de outras propriedades do Estado. A previsão é plantar mais 5.000 pés da fruta futuramente.

Para o superintendente do Sebrae-ES, Pedro Rigo, não tem como falar de agronegócio no Espírito Santo sem falar do empreendedorismo feminino. “Ao falar sobre o agronegócio capixaba nós



automaticamente estamos falando do empreendedorismo também feito pelas mulheres. Elas fazem parte de todo o processo e estão presentes em todas as possibilidades que o campo vêm a oferecer. A Fabiani é um exemplo disso. As mulheres ocupam e desenvolvem o agronegócio como um todo e sempre buscam por inovação. A história da Fabiani Reinholz fala exatamente sobre isso”, enfatiza Rigo.

Lorenza, Eliza e Fabiana fazem parte de uma minoria. Segundo o diagnóstico da Agricultura Familiar no Espírito Santo, elaborado pelo Incaper em 2018, 39,4% das agroindústrias capixabas são comandadas por mulheres. Por outro lado, são maioria (52,0%) na etapa de processamento (fabricação) dos produtos. Na gestão do negócio prevaleceu a atuação dos homens.

A presidente da Federação das Indústrias do Espírito Santo (Findes), Cris Samorini, a primeira mulher a ocupar

este cargo na história da Federação, aponta alguns caminhos para mudar essa realidade.

“Como mulher, sei dos desafios que precisam ser enfrentados todos os dias, especialmente sendo a indústria e o agronegócio setores majoritariamente masculinos. Por isso, não posso deixar de citar o quão importante é estar preparada para as oportunidades. As mulheres não devem abrir mão de formação contínua. É fundamental se especializar na sua área, fazer cursos, estudar e estar atenta às chances que vão surgir e àquelas que você pode criar”, destaca a presidente.

—Pedro Rigo,
superintendente
do Sebrae-ES



—A presidente da Federação das Indústrias
do Espírito Santo (Findes), Cris Samorini



DETE LORENÇÃO: INSPIRAÇÃO FEMININA NA CAPITAL NACIONAL DO AGROTURISMO

Bernadete Lorenzoni, popular “Dete Lorenção” (65), é um dos primeiros nomes que remetem ao empreendedorismo feminino no agroturismo de Venda Nova do Imigrante, na região Serrana capixaba. Discípula da sogra, Cacilda Caliman (86), na produção do socol no Sítio Lorenção, a produtora rural inspira outras mulheres da cidade com sua fórmula: coragem e atitude.

“A gente vive em um uma comunidade onde a gente foi criada no meio de muito machismo, onde as mulheres tinham medo de aparecer. Daí o agroturismo veio e deu essa abertura, levantou essas mulheres que estavam escondidas”, analisa Dete.

Para a produtora, a figura da sogra foi extremamente importante para criar esse encorajamento feminino no meio rural. “Lá no início, ela falou do jeito dela na televisão, para as revistas... Isto foi dando força para nós mulheres e vimos que podíamos não estar somente dedicadas à casa, aos filhos, mas que dentro da nossa realidade, poderíamos fazer igual no agroturismo, sem perder o nosso modo de ser. Saiu uma força de dentro de nós que desconhecíamos”.

Os filhos Bernardo (39) e Graccielli Lorenção (36) e ainda Natália, que morreu aos 14 anos em 2006, eram ainda pequenos quando Dete costurava para fora, enquanto o marido, Edines José Lorenção (64), tocava a produção de café e verduras. Juntamente com a cunhada, ela produzia roupas em geral, vestidos típicos para candidatas a Rainha da Festa da Polenta e até de noiva. Segundo Dete, a atividade era para ajudar nas despesas de casa, numa época em que só Cacilda fazia poucas peças de socol e apenas sob encomenda para conhecidos.

Antes mesmo das costuras, a produtora teve experiência de anos com a fabricação caseira de pães, massa de lasanha, macarrão caseiro e ovos de páscoa. Todos os sábados, ia na caminhonete do irmão para a feirinha do colégio. Ela recorda o tempo anterior ao período das costuras para reafirmar o gosto pela culinária, principalmen-

te aquela ligada às tradições dos antepassados italianos.

Por volta de 1997, o agroturismo “começou a dar as caras” e se tornar opção de renda para muitas famílias de Venda Nova. Dete conta que o marido não sabia se permanecia na roça ou assumia a produção do embutido italiano feito com lombo de porco. “Acabamos ficando nas duas atividades. Comecei a me dedicar ao atendimento aos turistas no sítio e sobrava pouco tempo para costurar”, diz.

E foi preciso romper barreiras para receber os turistas. De acordo com Dete, a participação em feiras dentro e fora do Estado e de cursos do Sebrae/ES foi um aprendizado que trouxe como lição a necessidade de ser simples e verdadeira. “Produzir socol é uma coisa, vendê-lo é outra. Os cursos do Sebrae e a participação nas feiras foram importantes porque eu tinha que dar conta do recado, vender a minha história. Tem que ter boa vontade e estar aberta a receber. São os primeiros passos”.

Esse foi o tempero para empreender com sucesso em negócios além do socol. Atualmente, o Sítio Lorenção se destaca pela produção de antepastos, limoncello e geleias e também pelo culatello, outro presunto italiano curado naturalmente, mas feito com o pernil suíno. Todos os produtos não levam conservante e fazem tremendo sucesso junto aos turistas.



“Para chegar num sabor apurado de antepasto, que o seu público vai gostar, não é fácil. Tem que ter alguma coisa sua que colabore com isso. Sempre pensei em muitas possibilidades a partir das próprias tradições dos imigrantes que poderiam somar ao socol. Primeiro, foi o antepasto de berinjela, daí fui me entusiasmando com outros sabores. Um tempo a gente para de produzir e chego a dormir sonhando em fazer alguma coisa nova. É muita criatividade dentro da gente, porém muitas vezes não acontece rapidamente por conta de outras prioridades, mas tenho muito ainda a criar”, conta Dete, que gosta de fabricar os produtos a partir de alimentos do sítio e tem vendas certas na loja da propriedade e em supermercados parceiros.

(Leandro Fidelis)

Onde o
AGRO se
encontra!

EXPO SUL RURAL-ES

**NOVO
CENTRO DE
EVENTOS**

Cachoeiro de
Itapemirim

**4 a 7
de Maio
2023**

REALIZAÇÃO:



**PREFEITURA DE
CACHOEIRO**



GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO



Mais Informações:



@exposulrural



www.exposulrural.com.br

CRESCIMENTO E PROTAGONISMO NO SETOR

O abismo que separava as mulheres da educação no século passado vem sendo superado. E a boa notícia é que a mulherada é maioria também nos cursos relacionados ao agronegó-

**APESAR DO ESFORÇO PARA SE
CAPACITAR E ENFRENTAR OS
DESAFIOS, AS MULHERES AINDA SÃO
MINORIA EM CARGOS DE DESTAQUE
NA CADEIA DO AGRO CAPIXABA**

cio. Enquanto na época das nossas avós, as mulheres do interior não tinham oportunidade sequer de serem alfabetizadas, na atualidade o sexo feminino está cada vez mais presente em formações da área. Só para se ter ideia, 60% dos alunos da turma do curso técnico em agropecuária do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes) campus Santa Teresa, matriculados em 2023, são

mulheres. Em 2022, esse número foi ainda maior, 62%.

Para Paola Alfonsa Vieira Lo Monaco, professora e diretora de ensino da unidade, esse cenário é resultado de vários fatores. “O mercado está cada vez mais exigente e busca por profissionais capacitados e com maior qualificação profissional, e menos quanto ao fator ‘gênero’, o que coloca a mulher num cenário de protagonismo.

—Christiany Fitaroni é secretária de Agricultura de Guaçuí há dois anos





_ Rafaela Tesch, secretária Municipal de Agropecuária em Santa Maria de Jetibá

Elas, em geral, têm buscado se qualificar e se especializar mais, o que as tornam mais competitivas. Além disso, a mulher contemporânea tem buscado superar mais os desafios, com persistência, sensibilidade, aliando o lado racional com o emocional, proporcionando ao setor agrícola um relacionamento mais humano e afetivo”, revela a diretora.

Para o coordenador do curso de agronomia da Faesa, em Linhares, Renan Batista Queiroz, com o passar dos

anos o número de mulheres que buscam o curso tem crescido. Na primeira turma, em 2016, eram apenas três do total de 40 alunos. Já a última turma conta com oito mulheres dentre os 18 estudantes do curso. Queiroz explica que a visão existente da agricultura hoje é outra, o que justifica o aumento na procura da graduação por parte das mulheres. Ele acrescenta ser essa uma tendência não só no Estado, mas em todo o país, o que, e ajuda a acabar com o preconceito.

“Esse crescimento é verificado a cada semestre. Vejo que esse avanço tem relação com a visão atual da agricultura. Não tem mais aquela questão de sofrimento na roça, de pegar sol, enxada... A agricultura tem mudado de patamar e se tornado algo mais empresarial. Elas estão vendo a possibilidade de ser empresária rural. Até mesmo pela questão de tomar conta do próprio negócio e da sucessão familiar. Esse crescimento é uma tendência no país, não é só aqui no Espírito Santo. Acho importante porque acaba com o preconceito de que é algo estritamente masculino e aumenta a diversidade”, esclarece o coordenador.

E se tem mais mulheres na faculdade de agronomia, tem mais mulheres também registradas no Conselho Regional de Engenharia e Agronomia (Crea-ES). Nos últimos cinco anos, esse número cresceu 31,77% no órgão, passando de 129 para 309 profissionais do sexo feminino. Os homens ainda são maioria absoluta, um total de 1.689 registrados.

“Para nós, esse crescimento é de grande valia, principalmente porque entendemos que a dedicação, a sensibilidade e o tom feminino ajudam muito, não só nos aspectos da orientação ao produtor rural, como também no campo, porque elas estão deixando de ser orientadoras para serem produtoras de modo geral. Além disso, também estamos notando um aumento da participação dessas profissionais na atualização e no aperfeiçoamento profissional com muita dedicação. A tendência para os próximos anos é crescer ainda mais”, avalia Jorge Silva, presidente do Conselho.

POUCA REPRESENTATIVIDADE

Não é somente no Crea-ES onde elas ainda são minoria. Quando olhamos para as secretarias de Agricultura dos municípios capixabas é possível perceber poucas mulheres ocupando o principal cargo da pasta. Segundo dados do Fórum de Secretários Municipais de Agricultura do Estado do Espírito Santo (Fosemag), dos 78 municípios do Estado, apenas sete têm mulheres no comando das secretarias.

Guaçuí é um deles. Christiany Fitaroni (49) foi nomeada para o cargo há dois anos. Engenheira agrônoma há 23, ela considera ter a pasta “peculiaridades de trabalhos diversifi-

cados que exigem força, coragem, resistência, resiliência, mas que também requer habilidade e sensibilidade para a construção de estratégias de liderança. E nós mulheres somos, sim, capazes de fazer esse trabalho”, enfatiza a gestora.

À frente de uma equipe de 39 colaboradores, destes apenas duas são mulheres. Chistiany acredita que o inexpressivo número de mulheres ocupando esse cargo se deve a questões culturais, mas também é necessária uma mudança de comportamento do público feminino.

“Muitos ainda enxergam, por questões culturais, a agricultura como um universo de protagonismo masculino em que a mulher ocupa um papel de ‘coadjuvante’. Por outro lado, sendo um cargo de agente político, para que a realidade mude se faz necessário também as mulheres envolvidas no agro se permitirem atuar como lideranças políticas em suas comunidades, municípios, se colocando disponíveis para ocuparem cargos afins, e desta forma somarem força a outras mulheres”.

Para Rafaela Tesch (35), secretária Municipal de Agropecuária em Santa Maria de Jetibá, apesar de ser minoria neste e em tantos outros cargos, é preciso continuar buscando espaço por meio do empoderamento feminino, fortalecimento das raízes culturais, força de vontade, energia e persistência para assumir o protagonismo da própria história.

“Com sutileza, amor e dedicação que nós sabemos transmitir é possível mudar essa realidade. Precisamos continuar, ajudar a promover a importância do trabalho das mulheres, mostrar que o sexo não nos inferioriza, que podemos

ser tão qualificadas e competentes quanto o sexo oposto, e mostrar, principalmente, que não estamos conquistando espaço para competir ou dividir, mas sim para unir e contribuir”, explica Rafaela.

DOS 78 MUNICÍPIOS DO ESPÍRITO SANTO, APENAS SETE TÊM MULHERES NO COMANDO DAS SECRETARIAS DE AGRICULTURA

ZAIRA DE ANDRADE PAIVA: A MULHER POR TRÁS DA ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS AGRO NO ES

Por trás de um dos maiores eventos do agronegócio do Espírito Santo, há o olhar atento de uma mulher. Zaira de Andrade Paiva (62) é uma das idealizadoras e coordenadoras da Exposul Rural. Jornalista de formação, Zaira inicialmente organizava, juntamente com alguns parceiros, eventos ligados ao meio ambiente.

O contato com eventos agro aconteceu pela primeira vez há 15 anos, quando percebeu que a agricultura e os agricultores não estavam entre os temas discutidos nos encontros de meio ambiente.

“Eu comeci a perceber que os produtores eram esquecidos nos projetos, como se

só as grandes empresas se interessassem nas questões ambientais e o meio rural não fosse o principal local de preservação. Com esse olhar, fizemos uma ação forte com os produtores e fomos convidados para fazer um encontro ambiental dentro da maior feira agropecuária do Estado, naquela época, a GranExpo-ES, que até então não tinha nada de ambiental. A ação foi um sucesso e mudou o conceito da feira”, conta Zaira.

Daí por diante ela e sua equipe passaram a fazer parte da organização da GranExpo-ES. A feira deixou de existir há alguns anos, mas Zaira nunca mais parou de trabalhar com eventos de agronegócio. “O que me move é lembrar da importância dos eventos na minha vida quando me mudei de Belo Horizonte para o interior e comecei na roça. De ver como o intercâmbio de informações e experiências muda a vida”.

[o] FOTOS DIVULGAÇÃO



— Há 15 anos Zaira atua na organização de grandes eventos do agro capixaba

No começo, era percebida pelas pessoas como secretária dos organizadores das feiras (os homens, claro). Aos poucos o reconhecimento do trabalho vem acontecendo. “Sou de uma família de mulheres fortes e afirmativas, que nunca foram de abaixar a cabeça para o interlocutor só porque era homem”. Sobre a participação das mulheres no agro, Zaira percebe uma forte mudança com o passar dos anos, especialmente no comportamento delas.

“As mulheres sempre pegaram no batente na roça. Sempre foram elas que transformaram matérias-primas em produtos (queijo, requeijão, doces, torrar café)

que os maridos comercializavam. Muitas tiravam o leite, cuidavam de bezerros, colhiam café, mas quem aparecia sempre eram os maridos, os pais, os irmãos. E com o passar dos anos, as mulheres estão assumindo esse protagonismo. Agora, elas colocam a cara para fora na gestão e não ‘apenas’ fazendo o trabalho pesado”.

O CONTATO COM EVENTOS AGRO ACONTECEU JUSTAMENTE POR QUESTIONAR A AUSÊNCIA DA AGRICULTURA E DOS AGRICULTORES NOS ENCONTROS DE MEIO AMBIENTE



Mulheres assumem a sucessão familiar no campo



Luiza Bonomo Três (25), de Jaguaré, cursou agronomia incentivada pelos pais

HISTÓRIAS DE EMPREENDEDORISMO E PAIXÃO PELA LAVOURA

Apesar de sempre terem atuado no meio rural, as mulheres não tinham voz, nem poder de decisão, como pontuou Zaira. A sucessão familiar, quando ocorria, era de pai para filho, quase nunca de pai para filha. Mas isso vem mudando. Seja porque essa é a única opção dos pais, seja por necessidade, ou até mesmo porque esse é um desejo da filha. É o caso da Amanda Lacerda (22).

Terceira geração da família de cafeicultores, a jovem de Forquilha do Rio, no distrito de Pedra Menina (Dores do Rio Preto), região tipicamente cafeeira, escolheu ficar no interior e trabalhar com café. Ela concluiu a graduação em Tecnologia em Cafeicultura no final do ano passado.

“Escolhi o curso porque o agro é um dos setores mais importantes da nossa economia, e também porque cresci vendo meus pais na cafeicultura. Desde sempre os cafés especiais têm sido minha paixão”, defende Amanda, que também é barista, especializada em extrações de café.

Ao contrário da tecnóloga, poucas meninas da região escolhem ficar no interior e trabalhar com lavoura. Os pais de Amanda, Altilina e Afonso Lacerda, pelo contrário, já esperavam que ela fizesse essa opção. “Meus pais já esperavam que eu ficasse na roça por conta da minha paixão pela área. Eles se orgulham

da minha escolha, afinal, estou dando continuidade a um trabalho iniciado há muitos anos”.

Outra apaixonada pelo campo, Luíza Bonomo Três (25), de Córrego Duas Barras, em Jaguaré, cursou agronomia incentivada pelos pais. A moça até trabalhou em uma multinacional do setor, mas voltou e deu início ao processo de sucessão familiar.

“Cresci vendo minha mãe na roça e isso para mim sempre foi muito natural. Quando fui fazer faculdade, a intenção dos meus pais, e minha também, sempre foi que eu voltasse para trabalhar com eles. No começo, a sucessão familiar foi mais complicada, até as expectativas se alinharem, mas aos poucos as engrenagens foram funcionando de maneira mais fácil, e seguimos nesse processo”, relata Luíza.

Com uma trajetória um pouco diferente, Gabriela Giacomini Borlini (40), de João

Terceira geração da família de cafeicultores, Amanda Lacerda escolheu ficar no interior e seguir o caminho dos pais





— Há três anos Gabriela assumiu a queijaria da família, fundada pelo pai há 20 anos

COM O PASSAR DOS ANOS, A SUCESSÃO FAMILIAR NO CAMPO VEM MUDANDO, E CADA VEZ MAIS MULHERES ASSUMEM ESSE POSTO

muito grande formalizar a empresa e, com o tempo, a ficha foi caindo cada vez mais. Ele ficou 20 anos à frente da queijaria e, por isso, não quero decepcionar”, diz.

E parece que isso está longe de acontecer. Gabriela abriu o CNPJ da queijaria, criou marca, logomarca, Instagram, melhorou as formas de pagamento, adequou tudo que faltava junto à fiscalização sanitária, implantou novos tipos de queijos e contratou mais uma funcionária. Aliás, toda mão de obra é feita por mulheres na queijaria. “O que antes era considerado serviço de homem, temos duas mulheres fazendo na fabricação”.

Investindo cada vez mais, o empreendimento localizado na Rota do Queijo, recebe visitantes e participa de eventos dentro e fora do município. Em breve, Gabriela vai inaugurar uma nova loja porque a atual ficou pequena. “Tenho muitos planos, ideias e sonhos que com força de vontade e muito trabalho vamos conseguir. Meu pai está feliz e realizado de ver a sucessão dando frutos e eu também em poder continuar e fazer crescer o negócio que ele confiou a mim”.

Neiva, nunca atuou no campo, mas nem por isso sua história segue caminho oposto aos de Amanda e Luiza quando o assunto é a confiança do genitor na hora de passar o bastão.

Em 2020, ela assumiu a queijaria da família, fundada pelo pai há 20 anos. Além do desafio de gerir o negócio, Gabriela não

queria decepcioná-lo. “Eu me senti muito feliz, com frio na barriga, confesso. Sempre tive muitas ideias sobre a queijaria e sabia do seu potencial e comentava com ele. Sabia que era uma responsabilidade



TEMAS TRANSVERSAIS COMO ASSOCIATIVISMO, INFORMAÇÃO, ARTE E PRECONCEITO ATRAVESSAM E NORTEIAM O CAMINHO PERCORRIDO POR ELAS EM BUSCA DE UM LUGAR AO SOL NO MASCULINIZADO UNIVERSO AGRO



Mulheres no agro: unidas para conquistar e transformar

JUNTAS ELAS SE TORNAM MAIS FORTES E CHEGAM MAIS LONGE

O verso “uma andorinha voando sozinha não faz verão”, da conhecida música “Andorinhas”, do Trio Parada Dura, faz todo sentido para centenas de mulheres que se juntaram para conquistar seus sonhos ou, tão somente, ajudar a manter as famílias no campo.

Formada há 22 anos, a Associação de Agricultores Familiares Agroecológicos Orgânicos de Campinho de Iconha, mais conhecido como “Vero Sapore”, é um exemplo disso. Donas de pequenas propriedades e

em busca de alternativas de renda, Celesia Bonadman Marion, Erotildes Cremonini Ronqueti, Valkiria Bonadman Marion e Erenilda Luzia Chuina Ferreira Guio decidiram aproveitar melhor os produtos da roça.

Antes da formação do grupo, elas produziam por conta própria, cada uma em

sua casa. Até que se juntaram, padronizaram os produtos e ganharam força. Tudo o que produzem, pães, bolos, biscoitos, banana passa, doce de banana sem açúcar, entre outros, é comercializado em feiras na Grande Vitória.

“O grupo foi de suma importância para mantemos nossas famílias na roça. Nossas propriedades são pequenas e não temos como viver da monocultura. Nos juntar foi a maneira de ganhar força. Sozinhas, seria impossível levar nossa produção para vender na Grande Vitória, por exemplo. Sem esse trabalho com certeza nossas famílias não estariam mais na roça”, explica Erenilda, uma das fundadoras do coletivo.

Para auxiliar na organização da associação, elas buscaram ajuda do Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Espírito Santo (Sebrae-ES), fizeram curso de atendimento ao cliente e associativismo e participaram de palestras e intercâmbios oferecidos pelo órgão. Outra conquista foi a aquisição de um espaço próprio e equipamentos para agroindústria.

A presidente da Findes, Cris Samorini, destaca que “o associativismo é uma ferramenta extremamente importante para qualquer pessoa, em especial para as mulheres. Cada pessoa contribui para fortalecer o seu setor e, quando elas se unem, podem alcançar objetivos comuns,

Com o apoio do grupo de mulheres da Cooabriel, Nailza viu a vida pessoal e profissional se transformar



pleiteando pautas prioritárias e indo mais longe”.

Além das questões comerciais e de visibilidade, outra importante função dos grupos de mulheres do agro é promover a confiança e a autoestima das participantes. Nailza Vilela (46), de Vila Valério, participa desde 2013 do Núcleo de Mulheres da Cooperativa de Produtores de São Gabriel da Palha (Cooabriel) e, ao longo dos anos, viu a vida mudar para melhor.

“Antes de fazer parte do Núcleo, eu era muito tímida, morria de vergonha de chegar nos lugares públicos, tinha autoestima muito baixa. Falar em público nem pensar! Eu achava não ser capaz de me relacionar com as pessoas. Através das palestras nos encontros fui ganhando confiança, minha autoestima foi mudando. Hoje, consigo falar com as pessoas olhando nos olhos delas, em público, isso mudou a minha vida”, diz Nailza.

Em abril de 2017, o marido da produtora sofreu um acidente de trabalho, passou cinco meses internado e saiu do hospital em estado vegetativo. Um ano após o retorno dele para a casa dos sogros, onde a família passou a morar, e com ele já na cadeira de rodas, ela decidiu ser a hora de voltar para casa e retomar as atividades do sítio.

Nessa época, surgiu a oportunidade de vender a propriedade, distante da casa dos pais, e comprar outra mais próxima. “Nunca tinha feito nada sem comunicar ao meu marido. Então decidi que ia vender, seria bom para todos. Vendi, comprei outra, me mudei e comecei uma nova vida”.

Hoje, quase quatro anos depois de assumir a gestão da propriedade, já dobrou a plantação de café, plantou pimenta, colocou energia e irrigação no terreno. Separada há quase um ano, Nailza comprou a parte do ex-marido no terreno e segue tocando ao lado do filho adolescente.

“O Núcleo me ajudou a ficar preparada para enfrentar tudo que passei e esteve presente o tempo todo. Mudou a minha vida. Hoje sou uma mulher muito mais forte e confiante”, afirma.

Além do Núcleo de Mulheres da Cooabriel, outras cooperativas também formaram coletivos. É o caso do Póde Mulheres, da Cooperativa dos Cafés do Sul do Estado (Cafesul); das cooperativas dos Cafeicultores da Região de Lajinha e Iúna (Coocafé) e da Selita.

Já as associações estão presentes em vários municípios. “Sonhadoras Vitoriosas da Aap”, criada pelas mulheres do Assentamento Zumbi dos Palmares, em São Mateus; Associação “Mulheres do Campo”, de Santa Teresa; Associação das “Mulheres do Cacau”, formada por mulheres de Linhares, Rio Bananal e Colatina; projeto “Elas Podem nas Criações das Abelhas”, com mulheres de Aracruz, Sooretama e Linhares; e a “Associação de Agricultoras Familiares-Mulheres do Canaã”, de São Roque do Canaã.

**ELAS SE UNEM PARA
GANHAR FORÇA E CONQUISTAR
ESPAÇOS QUE, SOZINHAS,
SERIA MAIS DIFÍCIL**

AS JOVENS RURAIS QUE COMBATEM A DESINFORMAÇÃO SOBRE O AGRO NAS REDES

Em meio a tantas informações desconstruídas, e muitas vezes mentirosas sobre o agro, surgiu nos últimos anos a figura do agro influenciador. E “as meninas”, claro,

não deixaram por menos. Apesar da rotina exaustiva, elas encontram tempo para falar do agro na web.

Jovem, bonita, delicada e produtora rural. A descrição é da agro influencer capixaba com maior número de

[o] FOTOS DIVULGAÇÃO



Com mais de 106 mil seguidores no Instagram, Jamila Brambilla, de Castelo, inspira outras pessoas a ficar no campo

seguidores no Instagram, mais de 106 mil, Jamila Brambilla (24), do interior de Castelo, no Sul do Estado.

Mas o número de pessoas que acompanham seu trabalho diário no campo não envaidece a moça nem um pouco. Para ela, o mais importante é levar informação sobre o agro e inspirar outras pessoas a ficar no campo.

“Os outros falam que sou influenciadora, famosa, mas não me vejo assim. Fico feliz quando encontro gente que diz se inspira em mim para continuar na roça, que sou exemplo. No meu perfil mostro meu trabalho, o processo de produção dos alimentos, desde quando a gente compra a semente, semeia, o tempo que fica na estufa para poder crescer e se tornar muda bonita para levar para o campo... É uma forma de combater a desinformação sobre o agronegócio. Muitas pessoas não conhecem nosso trabalho, não sabem como funciona e acabam postando ou repostando informações erradas”, esclarece.

Jamila conta que as pessoas perguntam quando ela vai se dedicar mais ao Instagram para poder ganhar dinheiro e abandonar a roça. “Elas não entendem que se eu não trabalhar na roça não existe Instagram. As pessoas não estão acostumadas com as fotos que posto, as coisas que faço, porque, para elas, é uma coisa estranha, principalmente por ser uma mulher trabalhando na roça”.

Para se inspirar e melhorar ainda mais suas postagens, Jamila segue agro influenciadoras reconhecidas nacionalmente. E, assim como elas,

sempre que surge uma polêmica sobre o agro nas mídias digitais, ou mesmo tradicionais, Jamila usa a rede social para esclarecer o assunto do momento. “Falo daquilo que sei, não fico inventando nada para dizer”.

A engenheira agrônoma e cafeicultora Luiza Bonomo também encontrou nas redes um espaço para se comunicar com os produtores, dar dicas e tirar dúvidas.

“Existe informação em qualquer lugar. Todo mundo pode falar de tudo e tem muita gente que não sabe nada do assunto falando inverdades sobre o agro. Acredito que quando uma pessoa que está dentro do agro, diretamente, começa a se comunicar, isso alcança outras com a verdade, com a realidade do que realmente acontece nesse meio. Já ouvi de algumas pessoas que elas decidiram ficar na lavoura, fazer agronomia, devido aos conteúdos que posto, principalmente filhas de produtores”, comenta a agro influencer, com mais de 10 mil seguidores.

Amanda Lacerda tem bem menos seguidores que Luiza e Jamila, porém já definiu o que e por que se comunicar por meio das redes sociais. “Para fazer um café de qualidade é necessário bom manejo da lavoura. E muitos produtores não têm condições de pagar consultoria com técnicos. Minha forma de ajudar é incentivando e mostrando situações que podem ocorrer na lavoura e as medidas a serem tomadas. Além de ajudar quem deseja iniciar, mas não sabe por onde começar, também compartilho o cotidiano da lavoura para as pessoas entenderem um pouco do que os produtores passam para produzir um bom café”, destaca a estreante na web.



_Luiza e a mãe, Veronica Cosme Bonomo, trabalham juntas na lavoura

ARTESÃ SUPERA PRECONCEITO E TRANSFORMA MATÉRIA-PRIMA LOCAL EM OBRAS DE ARTE RECONHECIDAS

Mesmo entre os afazeres de casa e a rotina puxada na roça, a artesã Amanda Saick, de Vila Pavão, encontrava tempo, mesmo que madrugada adentro, para produzir peças. Mas, a falta de tempo não era o único problema. O que mais impedia Amanda de trabalhar com a sua arte era o preconceito das pessoas, dentro e fora de casa.

“Fazer artesanato para minha família e a comunidade era coisa de idoso, aposentado ou vagabundo, que não dá retorno. Sofri muito para continuar fazendo o que gosto. Venci barreiras, mas não desisti”, relata Amanda.

A princípio, as peças eram todas de biscuit. Com o passar do tempo, a artesã encontrou, ali mesmo no campo, a matéria-prima que faria seu trabalho se tornar conhecido e gerar renda. Bucha vegetal, restos de madeira, sementes, grão de café, fibras de pé de coco, cabaça, entre outros, se transformam em verdadeiras obras de arte nas mãos da artesã.

“Fui olhando à minha volta e vi a fartura de matéria-prima que tenho na fazenda e comecei a introduzi-la no meu artesanato. Meu carro chefe é o biscuit, mas o que enriqueceu o meu trabalho e me ajudou vender e a me tornar conhecida foram esses materiais. Além de ajudar na renda, minhas peças também levam a história e a cultura da nossa região para vários lugares”, conta.

Em 2022, Amanda ganhou um concurso em São Paulo com peças de todo o Brasil. A obra vencedora é um boneco em biscuit que

reproduz o filho quando era pequeno, dando comida as galinhas. “A peça remete à fazenda, ao meu dia a dia. Fiz com a história do meu filho, a lembrança que guardo da infância dele, representando o homem do campo”.

Morando entre Praça Rica e Córrego da Poeira, no interior de Vila Pavão, Amanda é conhecida e reconhecida por seu trabalho não apenas no seu município, mas também nas cidades vizinhas, como São Gabriel da Palha.

[o] FOTOS DIVULGAÇÃO



AMANDA É CONHECIDA E RECONHECIDA POR SEU TRABALHO NÃO APENAS EM VILA PAVÃO, MAS TAMBÉM NAS CIDADES VIZINHAS

APESAR DOS AVANÇOS, PRECONCEITO E MACHISMO AINDA PERSISTEM

Elas lideram agroindústrias, tocam sozinhas propriedades e lideram equipes, mas ainda não conseguiram se livrar do preconceito e do machismo. E nem mesmo a superintendente do Senar-ES, Letícia Toniato Simões, escapou.

“Infelizmente, já sofri sim preconceito, mas sempre procurei me posicionar e buscar o meu, na verdade o ‘nosso’, espaço. Sei que muitas mulheres se espelham em nossas atitudes e ações. E toda e qualquer mulher pode estar onde ela quiser”, esclarece Letícia.

Andressa Ataíde, produtora de café e pimenta-do-reino que você conheceu na primeira parte desta reportagem, conta que nunca foi desrespeitada ou assediada por colaboradores e pessoas que eventualmente contrata para trabalhar, apesar deste ser um medo que tinha quando assumiu a propriedade em Jaguaré. No entanto, nas casas de produtos agrícolas ou compra e venda de café e pimenta, a situação é outra. Já aconteceu de estar na fila para ser atendida e, na vez dela, o vendedor chamar um homem que estava atrás dela.

“Primeiro, me deixam esperando, acham que sou mulher e não vou comprar nada importante, só algo para uma plantinha do quintal. Eu esperando na fila e o vendedor chama a pessoa atrás de mim,

um homem. Também escuto piadinhas porque sou mulher, nova, bonita. Muitas vezes não dá tempo de chegar em casa e já tem mensagem no meu Instagram. É chato, nunca senti isso na propriedade, mas nesses locais é demais”, revela a produtora.

Magda Pavesi (51), engenheira agrônoma há 33 anos, lembra que, na graduação, apesar da maioria absoluta masculina na turma, nunca sofreu preconceito. Porém, depois de formada, algumas áreas eram mais complicadas para atuar, principalmente no campo. Por conta disto, muitas engenheiras agrônomas acabavam indo para pesquisa.

“Produtores rurais com a cultura mais machista e a mulher chegar em um carro, sozinha, para fazer atendimento não era muito comum justamente pelo preconceito. A maioria ia para pesquisa, poucas atuavam diretamente no campo. Achavam que não davam conta do intelectual, de repassar as informações corretas dentro da técnica, ‘mulher não sabe de nada’, algo nesse sentido”.

Sócia do marido em um viveiro de mudas, Magda cuidava da parte administrativa e chegou a perder negócios com homens que se recusaram a “negociar com mulher”.

“As pessoas se reportavam ao meu marido para fazer as compras nas nossas empresas, enquanto ele dizia que era tudo comigo porque ele não tinha



Magda Pavesi, engenheira agrônoma e integrante da comissão do Programa Mulher ES, do Crea Nacional

as informações. E algumas vezes perdemos os clientes, que viravam para meu marido e diziam: ‘eu não negocio com mulher’. Ele, por sua vez, dizia à pessoa que infelizmente teria que procurar outro lugar”, relembra Magda.

Letícia Dalmazo, de São Domingos do Norte, diz se sentir subestimada pelos homens produtores de café da região. Porém, ela acredita que parte da culpa por esse comportamento masculino é da mulher. “No dia a dia não percebo esse preconceito, mas quando se trata de café conilon de qualidade, sim. Na maioria das vezes, o produtor homem não visa qualidade e, sim, quantidade e muitas vezes me subestimam. Não acredito ser preconceito. Preconceito, somos nós que criamos quando dissemos à sociedade: ‘produto feito por mulher’, ‘a mulher deve estar onde ela quer estar’,

‘o mundo não é só dos homens’. São essas frases que geram preconceito”, enfatiza Leticia.

Assim como a agricultora, a cervejeira Eliza Dalvi procura não focar na discriminação e no preconceito. “Sempre que falam do mercado do cervejeiro abordam essa questão. Acho que justamente para quebrar isso o ideal é mostrar o que estamos, de fato, fazendo. Procuro fazer um bom trabalho e me profissionalizar para entregar um bom produto. Acho que é isso, para você se destacar, independente de sexo ou de qualquer coisa”, defende a *sommelier*.

Magda faz parte da comissão do Programa Mulher ES, do Crea nacional, que tem o objetivo de trabalhar a questão da igualdade nas engenharias e na agronomia, inclusive nas

escolas. “Queremos estar de igual para a igual em todos os sentidos e estamos trabalhando para isso. Além das palestras, estamos tentando inserir no programa conversas com as turmas mais

novas, de ensino fundamental e médio, para mostrar que a mulher pode fazer, que ela é bem-vinda. O programa é também para mostrar aos homens que queremos espaços assim como eles”.

EM DIFERENTES CARGOS E SETORES DO AGRONEGÓCIO, MULHERES AINDA SOFREM PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO

PRÊMIO SEBRAE MULHER DE NEGÓCIOS

Criado em 2004, o Prêmio Sebrae Mulher de Negócios nasceu para estimular o empreendedorismo feminino e seu propósito é reconhecer histórias inspiradoras de empresas lideradas por mulheres, inclusive de mulheres ligadas ao agronegócio. Mais de 80 mil empreendedoras já participaram desde a primeira edição.

O Prêmio é dividido em três categorias: Pequenos negócios, com faturamento anual entre R\$ 82 mil a 4,8 milhões; Produtoras Rurais, mulheres que exploram atividades agrícolas, pecuária ou pesqueira; e Microempreendedora Individual (MEI), para mulheres quem tenham negócios formalizados com faturamento máximo anual de até R\$ 81 mil por ano.

Retornado em 2022, após cinco anos sem ser realizado, o Prêmio Sebrae Mulher de Negócios é um reconhecimento à força do empreendedorismo feminino na transformação de realidades.



PRÊMIO SEBRAE
MULHER
de negócios

Visibilidade e oportunidade para mulheres do campo

ROSIMERI RONQUETTI
_jornalismo@conexaosafra.com

Inseridas em todas as cadeias e setores do agro capixaba, as mulheres estão no radar da Secretaria de Estado da Agricultura, Abastecimento, Aquicultura e Pesca (Seag). A secretaria, juntamente com o Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper), lançou, no final de 2019, o projeto “Elas no Campo e na Pesca - Empreendedorismo, Liderança e Autonomia”.

Desde a sua criação, o projeto já atendeu 5.128 mulheres em todo o Estado com cursos, oficinas, dias de campo, eventos e consultorias. Também capacitou 135 servidores em metodologias voltadas para a inclusão de gênero na extensão rural.

A criação de uma linha específica de financiamento de projetos para grupos de mulheres, dentro do edital do Fundo Social de Apoio à Agricultura Familiar (Funsaf), contemplou quatro projetos em 2021, além de mais seis financiados a partir de outras fontes de recursos da Seag, totalizando R\$ 437.848,67 investidos.

“As mulheres do campo ganham cada vez mais espaço e isso representa a autonomia econômica

delas, que deixaram de ser apenas as filhas e as esposas dos produtores rurais. Hoje, elas representam a possibilidade de desenvolvimento social local. Nesse sentido, o Estado vem como grande aliado para reforçar e potencializar essa realidade. Por meio do acesso às políticas públicas, importantes programas e projetos são desenvolvidos, estimulando o empreendedorismo e gerando emprego e renda para as famílias do campo”, afirma o secretário de Estado da Agricultura, Enio Bergoli.

A Seag também financia e acompanha projetos executados pelo Incaper e operacionalizados pela Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (Fapes). São eles: “Elas podem nas criações de abelhas”, “Mulheres do Cacaú”, Cadernetas Agroecológicas, que contempla também pescadoras, indígenas e quilombolas; e a “Produção de Cultivares de Morangueiro em Sistema Semi-Hidropônico”.

Recém-criada no Espírito Santo, a Secretaria de Estado Extraordinária de Políticas para Mulheres tem duas grandes linhas de trabalho. O enfrentamento a todos os tipos de violência contra as mulheres e a promoção de igualdade de gênero. No quesito promoção de igualdade, o objetivo é promover o bem-estar e a saúde das mulheres e a participação social e política, de maneira regionalizada.

“O objetivo é fazer com que, de fato, as ações, projetos e políticas cheguem até as mulheres a partir de uma visão de que elas são diversas e plurais. Portanto, essas linhas de ações têm que chegar também pensando a diversidade e a pluralidade das mulheres. E mais ainda, a diferença entre mulheres do campo e da zona urbana”, defende Jacqueline Moraes, secretária da pasta.

Nesse primeiro momento, de acordo com Jacqueline, está sendo feito um trabalho para entender a realidade das mulheres do meio rural. O próximo passo será o desenvolvimento e a implementação de políticas públicas que contribuam para o desenvolvimento e o bem-estar dessas mulheres. Outra ação é a atualização de iniciativas já existentes para esse público.

_Jacqueline Moraes, Secretária de Estado Extraordinária de Políticas para Mulheres



_Enio Bergoli, secretário de Estado da Agricultura



A portrait of Letícia Toniato Simões, a woman with long, wavy brown hair, smiling and wearing a green button-down shirt. The background is a blurred indoor setting with vertical elements.

ENTREVISTA
LETÍCIA TONIATO SIMÕES,
SUPERINTENDENTE DO SENAR-ES

A luta pela equidade de gênero no campo

SUPERINTENDENTE DO SENAR-ES FALA EM REDE DE COOPERAÇÃO PARA QUE MAIS MULHERES DO AGRO OCUPEM CARGOS DE CHEFIA

_ROSIMERI RONQUETTI
_jornalismo@conexaosafra.com

Com uma carreira toda dedicada ao agronegócio, mesmo que indiretamente, Leticia Toniato Simões (48) é a primeira mulher do Espírito Santo a ocupar o cargo de superintendente do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar-ES). Nascida e criada em Itarana, município onde os pais são agricultores, Leticia atuou durante 15 anos no Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae). Primeiro, na área de desenvolvimento sustentável rural e, depois, na Gerência de Atendimento ao Agronegócio do órgão, lidando com agricultores familiares.

Leticia também foi uma das únicas capixabas a ocupar o posto de diretora-presidente do Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper). Em entrevista exclusiva para a “Conexão Safra”, ela fala da escolha pela área de atuação profissional e do papel das mulheres no agronegócio capixaba. Confira!

Conexão Safra: Você é filha de produtores rurais e sua vida profissional tem forte relação com o agro. De que maneira sua experiência

no meio rural interferiu na decisão de atuar na área?

Leticia: Ter sido criada no interior, em uma propriedade rural, foi um dos fatores determinantes para a escolha da minha carreira profissional. Pude conhecer e vivenciar de perto os desafios que o produtor e sua família enfrentam, diariamente, para produzir alimentos e se sustentarem com uma atividade/empresa a céu aberto. Isso me fez ter vontade de estar em ambientes e empresas que pudessem promover ações que melhorassem a vida das famílias rurais.

CS: Como avalia o papel da mulher no agro na atualidade?

Leticia: De forma bastante positiva para o crescimento e o desenvolvimento do agro no mundo, devido à sensibilidade e poder de resiliência que a mulher possui e, pela característica que a maioria carrega, guerreiras e dispostas para enfrentar qualquer desafio, além do principal, que é o amor que colocam em tudo que fazem.

CS: Ainda são poucas as mulheres que ocupam cargos de chefia nessa área. Acredita em uma mudança de cenário no curto e médio prazo?

Leticia: Realmente, ainda somos poucas, mas acredito que esse cenário ainda

vai levar um tempo para mudar, uma vez que envolve várias questões.

CS: O que fazer para mudar essa realidade?

Leticia: Temos que criar uma rede de cooperação e incluir, principalmente, as mulheres que estão no meio rural. Muitas vezes elas estão isoladas, sem acesso às informações e tecnologias, dificultando a mudança desse cenário.

CS: Quais as iniciativas da Faes/Senar para que isso ocorra?

Leticia: Criamos a primeira ação no Espírito Santo, que envolveu mais de 800 mulheres em um grande encontro, o “Elas no Agro”, em Cachoeiro de Itapemirim, dentro da Exposul Rural (2019). Foi um momento que ficou marcado na história da agricultura no Espírito Santo. Após essa iniciativa, participamos de várias outras que aconteceram de forma local e regional, ampliando e oportunizando a participação de outras mulheres que não haviam sido contempladas.

Além desse trabalho, temos outros em andamento, como por exemplo: “Mulheres em Campo”, treinamento oferecido pelo Senar visando o empreendedorismo e a valorização do papel da mulher nas atividades produtivas; “Saúde da Mulher”, programa voltado para a educação e a saúde da mulher rural, que tem por principal foco a prevenção do câncer de mama, colo de útero e outras doenças, através da conscientização por meio de palestras educativas, exames preventivos e ações de autocuidado com orientações de saúde bucal e serviços de beleza para o fortalecimento da autoestima da mulher rural.

CS: Em que, na sua avaliação, a mulher rural de hoje se parece com a de décadas atrás?

Leticia: No respeito pela família e dedicação à agricultura, que é uma arte de cultivar e plantar amor no campo e no mundo.

Programa Mulher do Crea-ES promove evento especial para profissionais

REDAÇÃO CONEXÃO SAFRA
_jornalismo@conexaosafra.com

Na tarde de 8 de março, Dia Internacional da Mulher, Vitória sediou o evento “Mulheres na Engenharia: expandindo competências, fortalecendo aptidões, ampliando oportunidades”. O encontro foi promovido pelo Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Espírito Santo (Crea-ES) por meio do Programa Mulher e contou com um ciclo de palestras voltadas para as questões inerentes à atuação feminina nas áreas da engenharia, da agronomia e das geociências.

Mais de 200 profissionais e servidoras do Conselho puderam compartilhar realidades entre si, estabelecer networking e acompanhar as conferências de Gina Strozzi, Mônica Dantas, Dra. Geilma Vieira, Stefany Sampaio e Fernanda Peroba. Além de se capacitarem, os presentes também contaram com uma programação cultural para celebrar o protagonismo feminino no Sistema.

Para a coordenadora do Programa Mulher no Espírito Santo, engenheira Mariana Mansk, cada mulher presente foi importante para o sucesso do evento: “Tivemos mais de duzentas participantes e, para nós, do Programa Mulher do Crea-ES, ver a interação de todas é extremamente gratificante. Recebemos diversos retornos positivos e empolgados, o que nos mostra que foi possível

O EVENTO, QUE ACONTECEU NO DIA INTERNACIONAL DA MULHER, CELEBROU O PROTAGONISMO FEMININO NAS ÁREAS DA ENGENHARIA, DA AGRONOMIA E DAS GEOCIÊNCIAS

[o] FOTOS DIVULGAÇÃO



contribuir com cada uma. Continuaremos trabalhando para desenvolver sempre o melhor para todas as profissionais do nosso Sistema e tenho certeza que juntas faremos a diferença em cada nova ação!”.

O presidente do Crea-ES, Engenheiro Jorge Silva, também manifestou satisfação com o resultado do evento. “Nossa missão é oferecer ainda mais capacitações para que as nossas profissionais possam se destacar no segmento

tecnológico. Muitas das conquistas das mulheres no mercado de trabalho se dão pelo nível de qualificação e pelo esforço próprio. Hoje já não há espaços em que elas não possam atuar. É uma honra ter a oportunidade de trabalhar com mulheres nas áreas da engenharia, da agronomia e das geociências e aprender tanto com elas que nos inspiraram com dedicação, conhecimento e força”, afirmou Jorge Silva.

**Profissional registrado no Crea
tem muito mais facilidades
para encarar os desafios de cada dia.
Basta se associar à Mútua.**



Benefícios Reembolsáveis

Carência de 12 meses, após data de inscrição



Ajuda Mútua

Auxílio financeiro quando o associado está desempregado ou em caso de invalidez temporária.

Até R\$6.060,00 por mês

Reembolso em até 24 meses



Garante Saúde

Para associados que precisam de assistência médica, hospitalar, odontológica e medicamentos.

Até R\$ 121.200,00

Reembolso em até 60 meses



Equipa Bem

Adquira equipamentos, móveis, veículos, imóveis e muito mais! Exclusivo para uso profissional.

Até R\$ 157.560,00

Reembolso em até 60 meses

para custeio de despesas de interesse profissional, será mantido o prazo de 36 meses para reembolso e o teto é de até R\$ 60.600,00



Férias Mais

Tire um tempo para cuidar de você!
Custeie despesas de suas férias.

Até R\$ 60.600,00

Reembolso em até 30 meses

***Confira as regras e condições na Regional de seu estado**

Benefícios Sociais



Auxílio Funeral

Indenização de auxílio funeral.

Até R\$ 7.000,00 (limitado ao valor custeado).



Pecuniário

Auxílio financeiro mensal para o associado que está passando por carência de recursos, em evidente necessidade de sobrevivência.

Até 3 salários mínimos, por até 4 meses.

Prorrogável por até 12 meses.



Pecúlio

Indenização aos dependentes, em caso de falecimento do associado.

Morte natural: R\$ 25.000,00.

Morte acidental: R\$ 50.000,00.

***carência de 30 dias, após data de inscrição**

**Para óbitos decorrentes de doenças graves previstas pela legislação previdenciária brasileira, a carência é de 12 meses.*

CONFEA
Conselho Federal de Engenharia
e Agronomia



CREA-ES
Conselho Regional de Engenharia
e Agronomia do Espírito Santo



mutua ES
Casa de Assistência aos Profissionais do Crea

0800 161 0003
www.mutua.com.br



(27) 3325-3166



@mutua.es



/mutua.es

Saiba como aumentar o lucro com venda de café torrado em até 300%

[o] DIVULGAÇÃO



_FERNANDA ZANDONADI
_jornalismo@conexaosafra.com

A busca pelo beneficiamento dos produtos que saem das lavouras é uma tendência pelo seu acréscimo de ganhos. Ao invés de vender o café *in natura*, comercializar o produto torrado e pronto para o consumo pode ter uma diferença enorme - e positiva - nos ganhos finais. Pensando nisso, a Ruralmac, empresa que produz e comercializa torradores de café, tem uma série de produtos que se adequam à realidade de pequenas, médias e grandes propriedades. Com seus torradores de alta qualidade e durabilidade, é possível produzir cafés de excelência e obter um incremento de até 300% nos preços finais.

Além disso, a empresa prima pela excelência e caminha lado a lado com seus compradores. Tanto que, cientes de que para obter o melhor resultado, é importante investir em conhecimento em torra, a Ruralmac tem parceria com escolas de torra e profissionais renomados. Tudo para que seus clientes tenham acesso ao conhecimento de ponta e possam produzir a torra ideal.

"É de extrema importância fazer um curso e buscar conhecimento em torra, para se produzir a torra perfeita. Conhecer o grão, saber o ponto, são conhecimentos cruciais. Por isso, a Ruralmac tem parceria com escolas e profissionais de torra. É para que aqueles que comprem nossos torradores tenham, além de equipamentos excelentes, recebam conhecimento de ponta para oferecer o melhor café para o mercado", explica Jaqueline Dornelas, proprietária e administradora da empresa, ressaltando que, além de torradores, a empresa oferece outros equipamentos para beneficiamento de grãos no pós-colheita, que agilizam a vida do produtor rural.

CAFÉ TORRADO E COM ALTA QUALIDADE

Com mais de uma década no mercado, a Ruralmac é uma empresa que busca inovação

sem perder a qualidade de seus produtos. Respalhada pela Abimaq, uma associação que impulsiona a indústria de máquinas e equipamentos em todo o país, a empresa oferece torradores de 2, 5, 10, 15, 30 e 60 quilos, em modelos básico, platinum e premium, com materiais de ponta e sensores importados.

Os torradores de café da Ruralmac preservam todas as características únicas do grão, garantindo uma torra uniforme e precisa, com aroma e sabor intensos. A tecnologia avançada permite um controle total do processo de torrefação, resultando em um café ainda mais saboroso.

Além disso, explica a proprietária, a empresa oferece financiamento para seus torradores, tornando-os acessíveis para todos os tipos de produtores. E, após a compra, os clientes podem contar com um suporte pós-venda diferenciado, que faz toda a diferença no processo.

Aqueles que são apaixonados por café de qualidade e querem se destacar no mercado, têm nos torradores de café da Ruralmac excelentes opções. "Invista em conhecimento e equipamentos de ponta, e contribua para a valorização da produção nacional de café", aconselha Jaqueline Dornelas.

_SERVIÇO

www.ruralmac.com.br
Instagram: @rural_mac

Com novas tecnologias, **conexaosafra.com** entra em nova fase digital

REDAÇÃO CONEXÃO SAFRA
_jornalismo@conexaosafra.com

Modernização do site, redes sociais e grupos de aplicativo são algumas ferramentas utilizadas para aproximar ainda mais o veículo dos produtores rurais.

Quem acompanha o site e as redes sociais da Conexão Safra (conexaosafra.com) percebeu recentemente uma nova dinâmica do veículo de comunicação.

Com um investimento voltado à tecnologia, novos formatos de compartilhamento de conteúdos e dinâmica da equipe, o veículo dá mais um passo na sua interação com o produtor rural. A jornalista e editora Kátia Quevedez dá mais detalhes.

“Desde o início da Safra, nosso intuito é aproximar conteúdo agro de qualidade do produtor rural, de forma simples e eficaz. Por isso, estamos sempre em busca de evolução, seja pela qualidade e checagem das informações, fotos e vídeos ou através de ferramentas digitais. Expandimos a transmissão do conteúdo jornalístico ao produtor e outros interessados no agronegócio capixaba.”

Utilizando o formato de divulgação das principais notícias do meio, através dos grupos do WhatsApp, de forma gratuita e simples, por exemplo, as publicações da Conexão Safra chegam diretamente a milhares



**RECEBA AS PRINCIPAIS NOTÍCIAS DO AGRO
NO SEU WHATSAPP GRATUITAMENTE**

PARTICIPE

ACESSE O LINK NO NAVEGADOR DO SEU CELULAR
lnk.bio/s/conexaosafra/whatsapp

OU APONTE
A CÂMERA PARA
O QR CODE



de smartphones e notebooks, diariamente, do Espírito Santo e de todo o país. Desta forma, “poderemos facilitar ainda mais nossa interação, onde o produtor estiver”, finaliza a editora.

E a estratégia parece estar dando muito certo. Em fevereiro e março o site já bateu todos os recordes de acessos. Otimista, o

consultor de Marketing Luan Ola dá algumas pistas dos primeiros resultados da nova fase. “O sucesso do digital da Conexão Safra está apenas começando. É uma junção de fatores: tecnologia de ponta, equipe comprometida e de muita qualidade, empenhada em crescer as métricas de desempenho nessa nova fase. Bom para os produtores e para os parceiros. É realmente só o começo.”

BBB NO GALINHEIRO

Indicação do podcast “Quinta B- Fofoca na Calçada”, o canal Twitch “Our Chicken Life” (“Nossa Vida de Galinha”) transmite ao vivo 24h um galinheiro com patos, galinhas e pintinhos, de uma fazenda nos EUA. E acredite: média de 200 pessoas assistindo por dia.

- Os comandos como “soltar milho” ou “mudar câmera” são feitos pelos espectadores, podendo até ser em mutirão, e contam com ajuda de um moderador. A galera pira toda vez que a galinha Hope bota um ovo!

- A live permite aos espectadores acompanharem o dia a dia dos animais e sua interação com os membros da família. O canal é conhecido por ser relaxante e oferecer uma visão interessante da vida no campo. Dê aquela espiadinha!



MAIOR TIROLESA DO BR

Pancas, no Noroeste do ES, é conhecida nacionalmente pelo potencial para o turismo de aventura e esportes radicais e por suas belezas naturais. Agora será também a cidade com a maior tirolesa do Brasil.

- Com dois percursos, o primeiro com 2.080m e o segundo 850m, a tirolesa terá ao todo 2.930m. A maior tirolesa do país até então é a K-2000, localizada entre as cidades de Benedito Novo e Rodeio, em Santa Catarina, que possui 2.000 metros.



SÓ DÁ ELE

A coluna experimentou (e viciou) neste verão no sorvete de uma marca capixaba que leva o abacaxi de Marataizes na receita. O “doce, doce, doce” parece ter despertado o mercado, a exemplo do sabonete líquido facial que divulgamos aqui na última edição.

UVA ITALIANA

A Vinícola Carrereth (Domingos Martins) vai colher, em 2024, as primeiras uvas Marselan, uma cepa italiana, já produzida no Sul do país. As mudas foram plantadas em outubro passado no sistema de poda invertida.

CAPA DO ANUÁRIO



A capa do Anuário do Agronegócio Capixaba 2022, publicação da Conexão Safra, é uma verdadeira obra de arte e mostra a criatividade da equipe responsável pela sua concepção. Com uma bela imagem de uma fazenda, inspirada numa placa mãe de computador, é um verdadeiro convite para conhecer mais sobre o setor agropecuário do Espírito Santo.

- A ideia é da nossa jornalista e coordenadora de conteúdo Fernanda Zandonadi, brilhantemente executada pelo gênio José Ricardo Pereira.

CERVEJARIAS PREMIADAS

Cinco cervejarias capixabas conquistaram sete das 59 medalhas do Concurso Brasileiro de Cervejas, em março, em Blumenau (SC). Ao todo foram 4.085 amostras inscritas, 12% a mais que na última edição, de 25 unidades da federação.

–O concurso teve 33 diferentes categorias. Os destaques foram as cervejarias: Três Torres, de João Neiva (2 ouros e 1 bronze); Três Santas, de Santa Teresa (1 prata); Kingbier, de Vila Velha (1 prata), Piwo, de Venda Nova (1 prata, na foto abaixo); e Marlin Azul, também de Vila Velha (1 bronze).



INAUGURADO POLO DE LÚPULO

Falando em cerveja, em março Viana inaugurou o seu primeiro campo de lúpulo privado, abrindo as atividades do Polo Cervejeiro Municipal pioneiro no país. Serão plantadas 200 mudas em uma propriedade na localidade de Lapinha.

– O lançamento é um passo importante no desenvolvimento da atividade no município. A primeira colheita é esperada para julho, e a previsão de safra anual é de 4 toneladas.

– O objetivo é tornar Viana capital da cerveja e do lúpulo, fomentar um turismo de experiência único, gerar mais de 2.000 empregos diretos e indiretos, além de renda na cadeia produtiva. A Prefeitura anunciou ainda a vinda de cursos técnicos gratuitos em parceria com o Ifes.

VENDA MILIONÁRIA

A BL Ovos, de Santa Maria de Jetibá, foi vendida em dezembro por R\$ 290 milhões para a Granja Faria, um dos maiores conglomerados do setor no Brasil, com sede em Santa Catarina. O site Brazil Journal divulgou que, com a transação, o grupo sulino adiciona 3 milhões de poedeiras ao plantel, totalizando 13 milhões de aves, com produção de 10 milhões de ovos/dia.

EXPANSÃO NATER COOP

A intenção da antiga cooperativa Coopeavi é expandir nos próximos anos as suas atividades na produção de alimentos, incluindo carnes de frango e bovina de corte. São estimados mais um condomínio destinado à pecuária do leite, bem como na parte da avicultura.

FÁBRICA SUÍÇA EM LINHARES

A multinacional suíça Mocoffee anunciou a construção de uma fábrica de monodoses de café em Linhares. O investimento previsto é de R\$ 20 milhões para as instalações, de 4.000 m² e capacidade de 100 milhões de monodoses por ano. Devem ser abertos 80 postos de trabalho, sendo 50 diretos e 30 indiretos. O início da construção aguarda licença.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA E GERENCIAL TRAZ RESULTADOS IMEDIATOS AO PRODUTOR RURAL

O Serviço Nacional de Aprendizagem Rural realizou, em Brasília, no dia 08 de março, o Encontro Nacional de Coordenadores da Assistência Técnica e Gerencial (ATeG), que reuniu representantes de 25 estados, incluindo o Espírito Santo. O evento teve o objetivo de realizar um balanço das ações promovidas nos 10 anos da metodologia e abordou as iniciativas que a entidade está desenvolvendo para ampliar os atendimentos e proporcionar melhores resultados para os produtores rurais.

A supervisora geral do projeto no ES, Cristiane Oliveira Veronesi, conta que durante o evento as equipes trabalharam assuntos relacionados à inteligência emocional, comunicação, autoconhecimento, entre outros, tudo com foco em aperfeiçoar as técnicas para continuar evoluindo no atendimento aos produtores rurais. “Também fizemos um alinhamento muito importante para nivelar a excelência da assistência em todo o Brasil”, afirma.

A diretora nacional da ATeG, Andrea Barbosa, afirmou que a metodologia traz resultado imediato para o produtor rural e sua família com melhoria na qualidade de vida, já que é um atendimento personalizado que respeita os limites e a realidade de cada produtor rural. “Nossa meta é contribuir para a formação de uma nova classe média rural nos próximos quatro anos. Para isso, vamos investir na preparação das equipes e ampliar o número de técnicos de campo, passando de seis para 10 mil em dois anos”, ressaltou.



[o] WENDERSON ARAUJO/TRILUX

No Espírito Santo, por exemplo, o atendimento começou com 407 propriedades rurais em 2015, conta Cristiane. “Já foram atendidas, ao todo, mais de 3.600 propriedades, um crescimento acima de 800% em nove anos. Atendemos, atualmente, 1.700 produtores em dez cadeias produtivas e a meta é ampliar, a partir do segundo trimestre de 2023, para mais 600 propriedades.

_O QUE É A ATEG?

O Programa de Assistência Técnica e Gerencial (ATeG) do SENAR, além de assistir o produtor, proporciona a adequação ambiental da propriedade e a regularização dos aspectos legais exigidos ao estabelecimento rural. O modelo de atendimento do programa consiste

em uma visita mensal de 4 horas em cada propriedade, de forma individualizada. O produtor recebe esse atendimento de forma gratuita por um período de 2 anos e quatro meses.

A metodologia desenvolvida na Assistência Técnica e Gerencial está fundamentada em 5 etapas que abrangem todo o processo a ser aplicado no desenvolvimento da propriedade rural atendida: diagnóstico produtivo individualizado; planejamento estratégico; adequação tecnológica; capacitação profissional complementar; e avaliação sistemática de resultados.

_COMO PARTICIPAR?

Entre em contato com Senar-ES: (27) 3185-9218 ou procure o Sindicato Rural do seu município.

META É CONTRIBUIR PARA A FORMAÇÃO DE UMA NOVA CLASSE MÉDIA RURAL NOS PRÓXIMOS QUATRO ANOS

somoscoop»

**Tá na saúde,
no agro, no crédito...**



**O cooperativismo está em tudo.
Inclusive na sua *vida!***

Venha conhecer esse jeito
diferente de fazer negócio!

Acesse:

ocbes.coop.br



SistemaOCB/ES

FECOOOP/BALENE | OCB/ES | SESCOOP/ES

No Espírito Santo

a Mulher

pode ser o que quiser para ser sempre



O Governo do Espírito Santo trabalha em várias frentes para que o protagonismo feminino seja uma realidade em nosso Estado. São programas sociais como o Qualificar ES Mulheres que oferece cursos de qualificação com vagas exclusivas para esse público, facilitando a conquista de um emprego ou fomentando o empreendedorismo, conquistando assim a sua independência. Há também o Núcleo Margaridas, um projeto de acolhimento a mulheres vítimas de violência, onde contam com atendimento jurídico e psicossocial para que consigam interromper esse ciclo, com unidades em Santa Maria de Jetibá, Anchieta, Afonso Cláudio, Alegre, Nova Venécia e Colatina. E o Bolsa Atleta Mulheres, projeto de incentivo a atletas de alto rendimento, oferecendo uma bolsa mensal para que nossas esportistas se dediquem às suas carreiras.



GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO